

## Horizontes do webjornalismo

Rui Torres

Universidade Fernando Pessoa

E-mails: [rtorres@ufp.pt](mailto:rtorres@ufp.pt)

O título deste ensaio é uma resposta ao desafio lançado pelo Centro de Estudos de Comunicação da Universidade Fernando Pessoa, no Porto, que na pessoa do Professor Jorge Pedro Sousa, e no contexto de um congresso sobre Jornalismo, promoveu um debate dedicado ao tema "*horizontes do webjornalismo*". De facto, uma análise dos conceitos implicados nesse título pareceu-me na altura bastante frutífera, e propus por isso alguns comentários com o objectivo de abrir caminhos, mais do que propor soluções ou adiantar respostas. E a questão que se encena nesse título é por demais pertinente: o que constitui um horizonte quando falamos da fronteira digital?, e a que nos referimos quando falamos em webjornalismo? Destas questões decorrem naturalmente novas perguntas e outras reflexões, a que tentarei dar resposta e continuidade no decurso destes comentários acerca daquilo que podemos considerar o *estado da arte* em estudos jornalísticos.

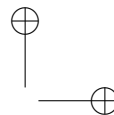
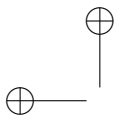
Regressando etimologicamente ao latim *horizonte* ou ao grego *horizontos*, percebemos que, em ambos os casos, horizonte é o *que limita*. E, de facto, o pano celeste que circunscreve a nossa visão do além confunde-se com um limite, interpondo-se simbolicamente, como uma fronteira. Espaço da superfície terrestre abrangido pela vista, o horizonte é a esfera celeste que limita o nosso campo de visão, que o impede de projectar *além de*. Neste título encena-se portanto um conjunto múltiplo de sentidos que nos podem colocar desde já de sobreaviso. Sentidos esses a que, naturalmente, se deve adicionar a definição de horizonte enquanto *perspectiva*. Limitado pela ilusão das vistas, o horizonte é aí o futuro, o futuro imaginado. E como Virílio nos avisava, na linha de contacto aparente entre o céu e a Terra interpõe-se a gravidade, a mais vasta fronteira de todos os pensamentos, forçando uma velocidade de libertação, se quisermos ultrapassar um mundo preso à terra. Desta forma, compreender o modo como se encerram perspectivas para o futuro do jornalismo digital obriga-nos a recorrer a uma compreensão prévia das limitações que, advindas ainda do modelo anterior, analógico, nos limitam e ofuscam o

campo de visão, nos agarram à gravidade do pensamento instituído. Vale a pena reler as palavras iniciais do livro de Virilio a que faço referência:

**O azul é a espessura óptica da atmosfera, a grande lente do globo terrestre, a sua retina brilhante. De além-mar até além-céu, o horizonte separa a transparência da opacidade. Da matéria-terra ao espaço-luz vai apenas um passo, o do salto ou o do voo, capazes de num instante nos libertarem da gravidade. Mas o horizonte, a linha do horizonte, não é unicamente a base do salto, é também o primeiríssimo litoral, o litoral vertical, o que separa absolutamente o “vazio” do “pleno”. (21)**

Curiosamente, é o mesmo Virilio a avisar que com a velocidade absoluta das ondas electromagnéticas supera-se a noção clássica de horizonte. Segundo o autor, com o progresso das teletecnologias, opera-se um desdobramento da vista, inaugurando-se uma segunda óptica, a grande óptica, dos espaços da realidade virtual, da tele-existência (1995; 2000, 62).

Regressando ainda à expressão de que me ocupo nesta breve introdução, no que diz respeito à palavra composta com *web* e *jornalismo*, e considerando pacífica uma definição do jornalismo enquanto actividade que tem por objectivo divulgar informação, classificando-a de acordo com critérios de novidade, ou, melhor ainda, a **“actividade de divulgação mediada, periódica, organizada e hierarquizada de informações com interesse para o público”** (Sousa, 2003, 53), então *webjornalismo* remeter-nos-ia para a actividade de divulgar informação através de redes telemáticas da Internet, de que o rosto social e cultural parece ser cada vez mais a World Wide Web. Ora, como Virilio também entendeu, essas redes, que existem a um nível supra-nacional, ultrapassando desse modo todas as fronteiras, põem em causa a distinção entre actual e virtual, entre próximo e longínquo, **“colocando desse modo em causa a nossa presença aqui e agora e, por via disso, desagregando as condições de necessidade da experiência sensível”** (73). Por tudo isto, e aceitando que a Internet está a mudar radicalmente não apenas os modos de distribuição e armazenamento da informação, mas principalmente a sua produção e a sua recepção como conhecimento, os estudos e as propostas para um *webjornalismo* não podem ficar alheios a uma reflexão acerca da crise dos discursos que o precede. Tratando-se de uma revolução ao nível do próprio conhecimento, é urgente que, antes de produzir para a web, se faça, dentro dos

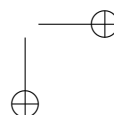
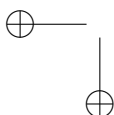


estudos jornalísticos, mais investigação acerca da constituição de um modelo de conhecimento à distância, de uma telepistemologia<sup>1</sup>. Nesta perspectiva, os horizontes do Webjornalismo coincidiriam com os horizontes, ainda por definir, da fronteira digital.

O que eu proponho é apresentar, primeiro, e sumariamente, alguns estudos onde a teoria da comunicação digital é utilizada e apropriada para compreender o fenómeno do webjornalismo, introduzindo e discutindo um conjunto de conceitos que surgem em discussões, cada vez mais frequentes, sobre o tema. Os limites da remediação, o futuro da convergência, a linguagem da hipermédia e os modos de visualização dos fluxos de informação em rede serão alguns dos temas através dos quais guiarei esta reflexão, e que conduzem com naturalidade a algumas reflexões sobre as transformações que é necessário operar nos cursos de jornalismo e de comunicação no sentido de acompanhar e recriar o jornalismo digital e multimédia.

Cabe por isso aqui começar por referir um debate que, não sendo recente, continua actual, o qual posiciona o horizonte digital numa região que é contestada pela esperança e pela desconfiança. Consideram alguns o paradigma digital como uma solução para a *crise* do jornalismo. Respondem outros que informação e poder, historicamente associados, reiteram nos dispositivos jornalísticos em rede uma encenação das suas estratégias de domínio e autoridade já confirmadas nos meios jornalísticos analógicos. Esta remediação de carácter ideológico, sugerem desconfiados, forçando a transposição dos modelos da estruturação do pensamento moderno, assente que era nas coordenadas do espaço e da linearidade, para uma outra, agora em crescimento, baseada no tempo e na sequencialidade, apenas conduz a novos mitos. No entanto, o lado utópico nos diz que, dependente de dispositivos tecnológicos, como sempre esteve, o jornalismo pode utilizar os meios digitais na articulação cuidada da linguagem da hipermédia, baseada na convergência e na actualização permanente dos meios, na interactividade e na personalização dos serviços de informação prestados. Dado o seu alcance de massas, contribuiria também desse modo para reduzir o fosso da infoexclusão, abrindo caminho para a literacia dos novos públicos. Ao que a distopia lembra que do mesmo modo pode o webjornalismo agregar todo o poder globalizado que tem à sua disposição e

<sup>1</sup>Termo proposto por Ken Goldberg no livro *The Robot in the Garden: Teleroobotics and Telepistemology in the Age of the Internet*, MIT Press.



com facilidade ajudar a criar um Império da Comunicação, da comunicação multimédia. Estas contraditórias posições, que sustentam uma dualidade cruzada pela esperança e pela decepção, ficaram bem traduzidas nas palavras de Negroponte no seu epílogo a *Digital Being*, a que deu o título (irónico?) de “An Age of Optimism”: **“I am optimistic by nature. However, every technology or gift of science has a dark side. Being digital is no exception”**. Confirmando esta visão, Swiss e Herman, na introdução a *The World Wide Web and Contemporary Cultural Theory*, explicam que a WWW, enquanto tecnologia cultural do nosso tempo,

**is invested with plenty of utopian and dystopian mythic narratives, from those that project a future of a revitalized, Web-based public sphere and civil society to those that imagine the catastrophic implosion of the social into the simulated virtuality of the Web (2).**

Considerando a Web como espaço onde convergem a magia, a metáfora e o poder, estes autores parecem indicar que a rede permite a construção de uma arena multimediada de actividade(s) na qual **“identities are staged, negotiated, and transformed”** (1). Num gesto semelhante, David Thorburn, falando na Conferência Democracy and Digital Media no MIT em Maio de 1998, explicava que a World Wide Web lhe parecia bem mais do que uma mera tecnologia onde se somam modems, largura de banda e computadores. Pelo contrário, a Web aparecia-lhe como uma linguagem, inscrita numa mitologia própria. Thorburn chamou-lhe, por isso, uma *Web of Metaphor*. Explicando que as novas tecnologias - e Manovich lembrava que todos os média e todas as tecnologias foram um dia novas... - são sempre compreendidas inicialmente através, e como, metáforas, também ele apela para o nosso sentido crítico, exigindo mais investigação, e menos regozijo:

**the dominant metaphors deployed to describe our experience of things digital constrain our understanding, limit and channel our inventions and even our speculations. We need more discussion of such rich but also limiting descriptors as cyberspace, highway (or the bi-lingual neologism infobahn), market, space, site, frontier.**

E pergunta: **“Am I wrong to think that these are especially American and capitalist metaphors, carrying an undersong of adventure, of risk**

**and speed and danger, of entrepreneurs or starfleet commanders or homesteaders braving the wilderness?”** (*em rede*) Não parece estar errado. As metáforas sobre a fronteira digital são certamente mistificações, recriações de padrões de poder já culturalmente investidos. Também por isso a separação entre utopia e distopia se torna aqui clara:

**The computer encourages joining, interaction, sharing, the creation of communities of interest; yet it is also congenial to our uncivic preferences for isolation, the avoidance of human contact, solipsism, "lurking", voyeurism. Through its power to confer anonymity, it feeds instincts for scandal, revenge, name-calling, surveillance, pornography. It is the best of Webs, the worst of Webs. It promises, simultaneously, to become the Agora, True Democracy, but also Big Brother. But of course, and of course paradoxically, the reverse is true.** (*em rede*)

E, apelando a um comprometimento na continuidade, Thorburn conclui que **“The new grows out of the old, repeats the old, embraces, reimagines and extends the old. To understand the Web, I’m saying, to understand our emerging digital culture, we need a continuity, not a discontinuity principle”** (*em rede*). Mas uma nova linguagem requer novas e inovadoras experiências: requer formação, experiência. Além disso, esta proposta de continuidade parece negligenciar o facto de o jornalismo tradicional assentar basicamente na separação dos sentidos e na unidireccionalidade da informação. Ora a separação do ler, do ouvir e do ver não faz sentido para a informação partilhada na era digital. Pelo contrário, a fragmentação dos públicos poderá fomentar uma ampliação dos seus papéis tradicionais: a partir das comunidades virtuais, o acesso à informação depende de novos modos de interactividade e participação, depositando no leitor uma responsabilidade de co-autoria a que não podemos ficar alheios.

Mesmo assim, o conceito de transposição ou remediação é de tal modo recorrente dentro dos estudos de comunicação digital, que o webjornalismo não lhe escapou. A ponto de ser urgente ultrapassar o princípio da remediação. Jay David Bolter parece tê-lo feito. Além de, na obra em questão, *Remediation: Understanding New Media*, ter argumentado, em co-autoria com R. Grusin, que as formas digitais citam e copiam, mas também tentam ultrapassar, modelos anteriormente estabelecidos, em estudos mais recentes Bolter tem re-examinado o conceito de *aura* de Walter Benjamin, procurando nas novas formas mediáticas, principalmente na realidade aumentada e misturada,

manifestações da *aura* (ou do seu declínio). Pilar da maioria das abordagens que partem de comparações com modelos prévios para avaliar práticas novas, a mediação também legítima, e reafirma, o(s) poder(es) estabelecido(s), ao passo que um enfoque no conceito de *identidade* do meio e das suas linguagens, poderá levar-nos a investir mais nas potencialidades e nos horizontes, e a perder menos tempo com o conhecido, presos à gravidade do pensamento.

João Messias Canavilhas, em considerações gerais sobre jornalismo na web, remete-nos para uma dualidade semelhante. Começando por admitir que ao surgimento de novos meios de comunicação social corresponde sempre o aparecimento de **“novas rotinas e novas linguagens jornalísticas,”** Canavilhas lembra que o jornalismo - seja ele escrito, radiofónico ou televisivo - se adaptou historicamente às características do meio. No entanto, com o aparecimento da Internet, **“verificou-se uma rápida migração dos mass media existentes para o novo meio sem que (...) se tenha verificado qualquer alteração na linguagem”** (*em rede*). A questão aqui a debater é a possibilidade de a hipermédia constituir uma nova linguagem. Fora de um mapa de referências onde a revolução teleinformática opera a um nível antropológico, o webjornalismo nunca será mais do que uma **“simples transposição dos velhos jornalismo escrito, radiofónico e televisivo para um novo meio”** (*em rede*). E Canavilhas está certo ao afirmar que **“o jornalismo na web pode ser muito mais do que o actual jornalismo online”**. Mas não podemos perceber a convergência dos meios como uma simples soma de partes. O multimédia remete para o audiovisual analógico: a televisão apresenta som, texto, imagem. Mas a convergência digital para a Web, embora partindo dessa multimodalidade, assegura na hipertextualidade e na interactividade o que no multimédia dos meios analógicos era apenas estático e linear. A convergência implica por isso uma abordagem intersemiótica, um reconhecimento das sintaxes que se movimentam nas novas textualidades. E a formação tecnológica é irreversível: como uma nova escrita, rejeita a especialização por tarefas, que não parece caber mais dentro do perfil do novo jornalista. Uma actualização, mas também uma nova mentalidade e um novo perfil de formação, impõem-se no jornalismo.

Palacios e seu Grupo de Pesquisa em Jornalismo Online da FACOM/UFBA tentaram mapear as características e tendências de alguns jornais brasileiros existentes na Web, tendo chegado à conclusão que a mediação - vista como transposição dos conteúdos da edição em papel para a edição online -, seria

apenas uma fase inicial do fenómeno, imediatamente precedente ao aparecimento dos Portais, que os autores consideram como uma segunda etapa na criação do jornalismo online. Curioso que o façam: os Portais caracterizam-se pela tentativa de agregar toda a Comunicação online, misturando publicidade, marketing e vendas, com notícias e motores de busca. Nos portais, onde está o webjornalismo, especificamente? Palacios segue (e desenvolve) aqui o modelo de Pavlick (1997), que identifica três estágios no desenvolvimento de conteúdos para Web: o primeiro, transpositivo, em que na transposição do conteúdo analógico para o digital se operam pequenas ou até nenhuma modificação; o segundo, que denominam de adaptativo, caracteriza-se pela tentativa de fazer uma integração das linguagens dos meios tradicionais com as novas possibilidades da rede (embora estas possibilidades nunca sejam claramente propostas); finalmente, em terceiro lugar, correspondente à experiência do presente, a fase do desenho original de conteúdos noticiosos especificamente produzidos para a Web, vista como um novo meio de comunicação, e não apenas como meio rápido de divulgação. Claro que, embora hipertextualizada, a página de jornal continua a remediar a edição de papel. Mas Palacios e Pavlick, entre tantos outros, compreenderam a importância desse momento de construção de uma identidade a que deram a forma de terceiro estágio do webjornalismo, e caracterizam-no pela **“aceitação de repensar a natureza de uma comunidade online, mais, aceitação de experimentar novas formas de contar uma história”** (Pavlick, 1997).

Nesta tentativa de classificação e arrumação do webjornalismo, concorrem portanto basicamente três modelos narrativos (Pavlik, 2001; Mielniczuk, 2003; Palacios, 2002): linear, hipertextual básico e hipertextual avançado. E o que esta nomenclatura tem de insuficiente é o facto de pressupor que a linearidade foi ultrapassada. Terá realmente sido abandonada? Haverá hoje um webjornalismo com uma linguagem de convergência tão autónoma quanto a do radiojornalismo, ou do telejornalismo? Ou haverá antes um radiojornalismo na web, um jornalismo impresso na web, e um telejornalismo na web? A ausência de respostas sugere a necessidade de realizar mais estudos e contribuir entretanto para uma sólida formação tecnológica (assegurada por uma sociologia e uma semiótica da tecnologia) das novas gerações, de que poderão surgir resultados imprevisíveis. E lembramos aqui Derrick de Kerckhove, que tentando explicar o atraso na apropriação colectiva das melhores tecnologias, deduzia que **“mesmo a melhor e a mais útil tecnologia do mundo não pode**

**impor-se a um público não preparado. Porque pode não haver espaço para ela na nossa psicologia colectiva. Pelo menos por enquanto.” (31).**

Além destas fases da formação do webjornalismo, que funcionam num sentido diacrónico, – muito embora sobre uma fatia temporal bastante reduzida – o que uma leitura comparada dos vários estudos sobre webjornalismo aponta é a existência de um conjunto de características geralmente *empres-tadas* das teorias da comunicação digital e dos novos média. Mark Deuze identificou inicialmente a interactividade, a personalização e a convergência, e, posteriormente, com Bardoel, a hipertextualidade. Palacios adicionou duas novas características à lista: a actualização contínua e a memória. As propostas de Palacios são importantes. A arquitectura descentrada e múltipla da Web, com seu emaranhado de ligações hipertextuais e labirínticos percursos de leitura, permite o registo de todas estas relações inter-tele-pessoais. Além desta revolução no conceito de memória, é ainda possível utilizar a rede como meio de comunicação com informação actualizada em tempo real, continuamente. A tele-operacionalidade e consequente gestão do património de informação que depositamos em servidores é o Grande Big Brother ao mesmo tempo que promete ser de potencialidade para o jornalismo.

Torna-se por isso importante fazer uma (breve) descrição destas características, lembrando que aquilo que potencia o webjornalismo é a utilização, em consonância, de mais do que uma destas características ao mesmo tempo.

Em relação à *interactividade*, e esquecendo talvez que o próprio texto pode ser interactivo, porque virtual (dependente de actualização), esta tem sido utilizada essencialmente para definir o processo através do qual o leitor passa a fazer parte do processo de construção da notícia: pela troca de *emails* e *chats* com jornalistas, ou pela possibilidade de os leitores escreverem a sua opinião em foruns. Para Stovall, por exemplo, que publicou recentemente o livro *Web Journalism*, a mudança mais significativa do webjornalismo está nesta redefinição da relação entre o repórter e a sua audiência. Em vários outros ramos do saber se tem vindo a redimensionar os conceitos de autoria e recepção, baseados na própria natureza aberta das obras e dos textos. As propostas dos conceitos de *escreleitor* (o leitor que se torna autor por participar na realização final da obra) ou de *espectador* (o espectador de cuja participação numa peça de teatro se espera seja activa) foram assimiladas e reconhecidas pelos adeptos da teoria do hipertexto. De Ted Nelson a George Landow, a interconexão, a escolha e a interactividade, o hipertexto e a hipermedia, con-



firmam e amplificam a reformulação dos papéis do autor e do leitor que a teoria crítica também tem vindo a apontar. E também o webjornalismo passará a possibilitar uma maior e uma mais imediata comunicação entre repórteres e leitores.

A **personalização** (também considerada *customização* do conteúdo) resulta do facto de, com modelos de programação relativamente simples, ser possível permitir que os produtos jornalísticos sejam configurados e seleccionados pelo utilizador, de tal modo que as notícias podem chegar ao nosso computador imediatamente a seguir à sua publicação (rss feeds), de acordo com critérios de selecção previamente escolhidos. Além destes, e no centro da criação de uma nova linguagem, está a **convergência** (também chamada multimedialidade, ou multimodalidade), que pressupõe a mistura dos formatos dos média tradicionais (imagem, texto e som) num único meio, ou em híbridos entre si.

Estas características iniciais têm ao seu serviço a **hipertextualidade**, definidora da própria web, que se caracteriza pela possibilidade de estabelecer uma série quase infinita de ligações entre palavras, gráficos e imagens. Este modo de navegação é o que torna a Internet tão vasta e tão complexa. E por isso, quando Pierre Lévy nos diz que **“Cada conexão suplementar acrescenta ainda mais heterogeneidade, novas fontes de informação, novas linhas de fuga, a tal ponto que o sentido global encontra-se cada vez mais perceptível, cada vez mais difícil de circunscrever, de fechar, de dominar”** (1999, pp:120), ele traduz fielmente a vontade de circunscrever, através de um mapa, a estrutura não-linear da web. Mas, pese embora a importância das posições deste autor relativamente a uma melhor compreensão do virtual e das novas inteligências, é precisamente o contrário que se passa: a rede é o seu próprio mapa, visto ser possível visualizar de um modo dinâmico e em tempo real todos os tráfegos de informação e escolhas que se movimentam na web. O que se deve entender por actualização contínua é portanto a possibilidade de aproximar o momento de criação com o da sua distribuição, vertendo para um modo de encarar a informação que já não é baseado na periodicidade. Mas além dos podcastings e dos rss feeders que podemos subscrever e receber continuamente no nosso computador pessoal, o que nestas definições de uma **actualização contínua** parece esconder-se (ou desconhecer-se?) é o facto de qualquer mudança em rede poder ser devidamente e constantemente monitorizada (com grafos de visualização que a interpretam posteriormente)

e automatizada (com links e referências inteligentes), possibilitando um mapeamento dinâmico da geração e da recepção dos fluxos de informação, suas inter-relações e inter-conexões.

Quanto ao aspecto da memória, que Palacios propõe como característico do webjornalismo, ele releva do anterior: a informação está disponível, permanentemente, a partir de qualquer computador com ligação à Internet. António Fidalgo, que estudou a “Sintaxe e Semântica das Notícias Online”, propôs que o modo de gerir esta questão da memória seria criando uma estratégia para o jornalismo assente em Base de Dados:

**A expansão à escala mundial, a possibilidade de aumentar indefinidamente o seu tamanho e o acréscimo ilimitado de temáticas abrangidas, a manutenção on-line dos arquivos das colecções, a interactividade, são factores que conduzirão o jornalismo on-line a ser impreterivelmente um jornalismo assente sobre base de dados. (*em rede*)**

E avisa: “A tarefa que fica em aberto é a experimentação e a investigação das novas formas de informação jornalística que os novos meios e as novas tecnologias vêm tornar possível”, apontando o jornalismo de fonte aberta como um exemplo específico de jornalismo sobre bases de dados.

De um modo semelhante, Silva Junior, Araújo e Antunes propõem uma interpretação das agências de notícias como “**antecipadoras de dinâmicas do jornalismo na web**”, sendo por isso “**a rede antes das redes**”. Aprofundando criticamente os conceitos de mediação e transposição, estes autores reconhecem que as dinâmicas historicamente existentes nas agências de notícias “**condicionam parcialmente características presentes em torno do conceito de web jornalismo de terceira geração**”. Neste sentido, verificam também o impasse metodológico a que nos temos vindo a referir:

**se, por um lado, a transposição de práticas para novos suportes cria ambientes mais amigáveis de reconhecimento da realidade emergente, ao mesmo tempo, pode atuar como um freio metodológico e de inovação, remetendo a práticas anteriores(em rede).**

Estes autores esclarecem ainda que as agências actuam na consolidação das redes de distribuição de conteúdo, “**em estreita sinergia com políticas coloniais ou pós-coloniais**”. Desse modo, explicam, as novas agências de

notícias estabelecem uma ligação com as necessárias **“infra-estruturas complexas de telecomunicações que envolvem, por sua vez, uma série de recursos em rede, através de satélites, fibras ópticas, circuitos de telefonia e linhas privadas de transmissão de dados”**. Segundo os autores, as agências de notícias tradicionais, ao concentrarem-se **“no fluxo de conteúdos e na capacidade de circular e distribuir conteúdos segundo uma lógica complexa de redes”**, obrigam-nos a reconhecer que **“uma das primeiras redes tecnológicas do mundo foi uma rede para a circulação de notícias, claro, com um carácter nomeadamente comercial, mas todavia, com estreito vínculo com o jornalismo”**. Ora um fluxo, explicam ainda com bastante pertinência, não é uma categoria neutra, nem se podem dissociar esses problemas dos **“processos e práticas possibilitados pelas infra-estruturas tecnológicas”** (*em rede*). Por isso, sugerem **“a importância de desenvolvimento de uma proposição metodológica de análise dos fluxos [e d]a criação de categorias que permitam, no caso das agências, mapear como ocorre esse deslocamento de informação e entender o procedimento das agências como um processo contínuo, e não orientado por intervalos, como no jornalismo em geral.”**

Esta rede de fluxos, devido à actualização constante e à memória ilimitada, pode ser interpretada pelos mesmos procedimentos tecnológicos das redes semânticas da web, através da criação de agentes inteligentes que observam a rede, e que podem ser traduzidos num grafo de representação de fluxos. Um desses programas a correr nos servidores é o TouchGraph, que pode ser observado em <http://www.touchgraph.com/TGGoogle-Browser.html>.

Nesta perspectiva de trabalho, de salientar que Mark Tremayne iniciou em 1997 um projecto com vista à preservação de informação da Web para análise. Nos resultados desse projecto, que publicou no artigo *“The Web of Context: Applying Network Theory to the Use of Hyperlinks in Journalism Stories on the Web”*, procurou perceber se as histórias na web seguem os padrões de crescimento típicos da web como um todo. Posteriormente, propôs-se analisar que tipo de histórias eram mais citadas, ou hiperligadas. Para isso, partiu de estudos de Barnhurst e Mutz, que documentaram uma mudança no jornalismo do final do século passado em direcção a um **“long journalism, long on interpretation and context, short on new fact”**, e de Nerone e Barnhurst, que identificaram **“a shift in newspaper design that resulted in fewer small individual news items”**. Este declínio dos factos, que corresponde a uma

orientação do discurso para a análise ou a especulação, está ligado ao desenvolvimento do jornalismo interpretativo, no qual o “*contextual material*” é central. De acordo com Tremayne, **“The technology of the Web allows news presentations that might satisfy both those wanting shorter fact-driven accounts and those wanting context, interpretation and opinion”** (*em rede*). Na web, este material contextual é representado pelas hiperligações, que podem providenciar contextos históricos, geográficos, políticos, etc. Ao propor a utilização de “Networks, or graphs” como uma forma de medição dos fluxos da web, o autor verificou que quando se escolhem páginas para estabelecer hiperligações, a escolha recai (quase) sempre naquelas páginas que são já imensamente citadas. Neste sentido, como refere ironicamente, **“the ‘rich get richer’ and proportionally, the poor get poorer.”** Aplicando esta teoria ao jornalismo, coloca algumas hipóteses de investigação que vale referir:

**If Web pages about news follow the growth patterns of the Web as a whole we should expect to find evidence of Barabasi and Albert’s two principles, growth and preferred attachment. Therefore: H1: The number of links in news stories will increase over time; H2: Stories about international relations will be more heavily linked than other stories; H3: Spot news stories will be less heavily linked than other stories; H4: The gap in the number of links used between spot news and international relations should widen over time.**(*em rede*)

Face a estas transformações, se quisermos investir num discurso jornalístico apropriado ao meio web, impõe-se uma redefinição dos estudos de comunicação e do jornalismo em particular. A urgência da redifinição dos currículos tem sido documentada, e algumas experiências têm sido feitas que vale a pena referir. Para António Fidalgo, da UBI, por exemplo, “*O ensino do jornalismo no e para o século XXI*” ofereceu-lhe três lições. Primeira, a convicção de que não é **“necessário alterar a estrutura curricular de um curso de ciências da comunicação do curso para utilizar as novas potencialidades da Internet no âmbito do ensino e da aprendizagem.”** Segunda, que **“os novos meios de comunicação permitem de uma forma fácil, e barata, dotar os cursos de instrumentos para reforçar a sua formação tradicional”**, de que seriam exemplo para o autor o (seu) jornal on-line Urbi et Orbi e a BOCC. Finalmente, a descoberta de que **“os alunos precisam da mesma preparação teórica que os meios tradicionais exigiam e exigem.”** Pese embora o

facilitismo das conclusões, é salutar a tentativa, pioneira em Portugal, que tem dado resultados bem interessantes e abriu um campo de investigação alargado.

Também devotado às soluções que temos em mão enquanto educadores de jornalistas é o artigo de Elizabeth Saad Corrêa e Hamilton Luís Corrêa, “*O ensino da comunicação e do jornalismo no panorama das mídias digitais: Perspectivas para uma renovação do perfil de habilidades e competências*”, onde os autores enunciam um perfil mais arrojado, implicando no processo uma educação orientada para o conhecimento das ferramentas indispensáveis ao exercício da práxis comunicacional digital, que passam por

**softwares de publicação em ambientes hipermídia, sistemas de captura e edição de imagens e sons, sistemas de armazenamento, indexação e recuperação de dados, processamento editorial não-linear, sistemas de reconhecimento de padrão informativo de usuários, softwares agentes inteligentes, sistemas de mensuração de desempenho, apenas para citar pequena parte do arsenal tecnológico à disposição do profissional de comunicação. (em rede)**

Estes autores colocam por isso a tecnologia digital como “**um aspecto contextual da era das TIC’s.**” Uma prática interdisciplinar surge neste contexto como fundamental. Por isso, e seguindo o estudo de Pavlik em que este apresentou as tendências para o ensino do Jornalismo (PAVLIK: 2001, 206-13), os autores apoiam

**a opção por estruturas curriculares que integrem os aspectos das tecnologias digitais em todas as disciplinas previstas na grade tradicional, em detrimento de uma introdução isolada de uma ou duas disciplinas que incorporem o uso das TIC’s; uma reestruturação das IES que ministram cursos de Comunicação em especial quanto aos conceitos de sala de aula, aula presencial e períodos letivos fixos.**

Além disso, propõem que todo um “**conjunto de competências e habilidades [deverão ser] convertidos em disciplinas, oficinas, veículos laboratoriais ou outras metodologias de ensino-aprendizagem**”, passando por exemplo pela criação de publicações online, a partir de Dreamweaver, Photoshop, Java, Flash, etc.

Uma integração de saberes, partindo da unidade das ciências e do conhecimento, permitirá a educação da nova linguagem da hipermídia, certamente

baseada na inevitável continuidade, mas aberta a reinvenções. E as disciplinas dependentes do suporte da escrita verbal e visual terão que se adaptar à escrita digital, se compreenderem que o apelo da hipertextualidade também foi seu.

Retomando Virilio, para quem a tele-existência coloca em causa a nossa percepção do real, será altura de perguntar se a rede em que o jornalismo se está a integrar não poderá ser parte de uma maior estratégia global do Império da Comunicação. James Der Derian, homem da ciência política e das relações internacionais, falou a este propósito em *Virtuous Wars*, identificando simbolicamente o *Cyberspace as Battlespace*. Avaliar e mapear a rede que se estabelece com a aliança (virtual) entre os complexos militar, industrial, média, divertimento/lazer, como a grande marcha rumo a um novo totalitarismo.

Perdido no horizonte da linha electromagnética que o separa do pixel, o ciberleitor aguarda o salto da gravidade que lhe permita ver além do horizonte tecnológico.

## Bibliografia

- BARABASI, A.-L. (2002). *Linked: The New Science of Networks*. Cambridge, Mass.: Persues
- BARNHURST, K. G. & MUTZ, D. (1997). American Journalism and the Decline in Event-Centered Reporting. In: *Journal of Communication*, 47 (December 1997): 27-53.
- BARNHURST, K. G. & NERONE, J. (1995). Design Changes in Us Newspapers, 1920-1940. In: *Journal of Communication*, 45 (June 1995): 9-43.
- BARNHURST, K. G. & STEELE, C. A. (1996). The Journalism of Opinion: Network News Coverage of U.S. Presidential Campaigns, 1968-1988. In: *Critical Studies in Mass Communication*, 13 (September 1996): 187-209.
- BASTOS, H. (2002). A viragem digital do jornalismo. In: MIRANDA, J.B. e SILVEIRA, J.F., eds. *As ciências da comunicação na viragem do século*. Lisboa: Vega. pp.1000-15.

- BOCZKOWSKI, P. J. (2005). *Digitizing the News: Innovation in Online Newspapers*. Mass: MIT Press.
- BOLTER, J. D. e GRUSIN, R. (2000). *Remediation: Understanding New Media*. Mass., MIT Press.
- CÁDIMA, F. R. (2000). Virtualidades do jornalismo e jornalismo virtual: Para uma análise do dispositivo da informação televisiva. In: TRAQUINA, N., org. *Jornalismo 2000. Revista de Comunicação e Linguagens*, 27.
- CORREIA, F. (2002). Jornalistas: crise de identidade e novo paradigma. In: MIRANDA, J.B. e SILVEIRA, J.F., eds. *As ciências da comunicação na viragem do século*. Lisboa: Vega. pp.975-82.
- DEUZE, M. (1999). Journalism and the Web: An Analysis of Skills and Standards in an Online Environment. In: *Gazette*, 61 (5), 373-90.
- GITLIN, T. (1980). *The Whole World Is Watching: Mass Media in the Making & Unmaking of the New Left*. Berkeley: University of California Press.
- LOPES, A. de S. (2000). Notícias na Internet: Um novo jornalismo? In: TRAQUINA, N., org. *Jornalismo 2000. Revista de Comunicação e Linguagens*, 27.
- PAVLIK, J. V. (2001). *Journalism and new media*. New York: Columbia University Press.
- PINTO, R. J. & SOUSA, J. P. (1999). O futuro da Internet. In: *Comunicação & Sociedade*, 31, pp.99-116.
- SCHUDSON, M. (1982). The politics of narrative form: The emergence of news conventions in print and television. In: *Daedalus* 3 (summer 1982): 97-112.
- SOUSA, J. P. (2000). Um estudo prospectivo sobre jornalismo on-line e outros conteúdos na Internet portuguesa. In: *Cadernos de Estudos Mediáticos*, II, pp.263-87.

- STOVALL, J. G. (2004). *Web Journalism: Practice and Promise of a New Medium*. Boston: Pearson Allyn and Bacon.
- VIRILIO, Paul (2000). *A Velocidade de Libertação*. Trad. Edmundo Cordeiro. Lisboa, Relógio d'Água.
- WOLTON, D. (1999). *Internet et après: une theorie critique des nouveaux médias*. Paris: Flammarion.

## Webliografia

- ADGHIRNI, Z. L. Informação online: jornalista ou produtor de conteúdos? Mudanças estruturais no jornalismo.  
<http://intercom.org.br/papers/xxiv-ci/np02/NP2ADGHIRNI.pdf>
- BALDESSAR, M. J. Jornalismo e tecnologia: pioneirismo e contradições. Um breve relato da chegada da informatização nas redações catarinenses.  
[http://njmt.incubadora.fapesp.br/portal/publi/mariajose/Jornalismo\\_tecnologia\\_pioneirismo\\_e\\_contradicoes.pdf](http://njmt.incubadora.fapesp.br/portal/publi/mariajose/Jornalismo_tecnologia_pioneirismo_e_contradicoes.pdf)
- BARBOSA, E. Interactividade: A grande promessa do Jornalismo Online.  
<http://www.bocc.ubi.pt/pag/barbosa-elisabete-interactividade.pdf>
- BASS, A. Shifting the Balance: Citizens, Employers, Journalists and the Internet.  
<http://www.tru.ca/ae/bjour/Alan%20Bass/ShiftingtheBalance.pdf>
- CANAVILHAS, J. M. Webjornalismo: Considerações gerais sobre jornalismo na web. I Congresso Ibérico de Comunicação, Universidade da Beira Interior.  
[http://www.bocc.ubi.pt/pag/\\_texto.php3?html2=canavilhas-joao-webjornal.html](http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=canavilhas-joao-webjornal.html)
- CORRÊA, E. S. & CORRÊA, H. L. O ensino da comunicação e do jornalismo no panorama das mídias digitais: perspectivas para uma renovação do perfil de habilidades e competências.



<http://njmt.incubadora.fapesp.br/portal/publi/beth/o-ensino-da-comunicacao.pdf>

DEUZE, M. & BARDOEL, J. Network Journalism.

<http://home.pscw.uva.nl/deuze/pub19.htm>

FERREIRA, J. C. F. (2003). A imagem na Web: fotojornalismo e Internet. INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, BH/MG, 2 a 6 Set 2003.

[http://www.intercom.org.br/papers/congresso2003/pdf/2003\\_NP02\\_ferreira.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/congresso2003/pdf/2003_NP02_ferreira.pdf)

FIDALGO, A. O ensino do jornalismo no e para o século XXI.

<http://bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-antonio-ensino-jornalismo-internet.pdf>

FIDALGO, A. Sintaxe e Semântica das Notícias Online: Para um Jornalismo Assente em Base de Dados.

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-jornalismo-base-dados.pdf>

MIELNICZUK, L. Interatividade e hipertextualidade no jornalismo online: mapeamentos para uma discussão.

<http://www.intercom.org.br/papers/xxiii-ci/gt03/gt03b2.pdf>

MOURA, C. O jornalismo na era slashdot.

<http://bocc.ubi.pt/pag/moura-catarina-jornalismo-slashdot.pdf>

ORIHUELA, J. L. Los 10 Paradigmas de la e-Comunicación.

<http://www.unav.es/facom/mmlab>

PALACIOS, M. (2002). Jornalismo Online, Informação e Memória: Aparentamentos para debate. Jornadas de Jornalismo Online, 21 e 22 de Junho de 2002, Departamento de Comunicação e Artes da Universidade da Beira Interior

[http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002\\_palacios\\_informacaomemoria.pdf](http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_palacios_informacaomemoria.pdf)

PALACIOS, M.; MIELNICZUK, L.; BARBOSA, S.; RIBAS, B. & NARRITA, S. (2002). Um mapeamento de características e tendências no jornalismo online brasileiro.

[http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002\\_palacios\\_mapeamentojol.pdf](http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_palacios_mapeamentojol.pdf)

PAUL, N. & FLEBISH, C. Os elementos da narrativa digital.

<http://www.inms.unm/Elements.php>

SILVA JR., J. A.; GUSMÃO DE ARAÚJO, M.; & ANTUNES, A. M. M. (2004). A rede antes das redes: As agências de notícias como antecipadoras de dinâmicas do jornalismo na web. V Congresso Ibero-Americano de Jornalismo na Internet - Faculdade de Comunicação da UFBA Salvador - Bahia

[http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2004\\_silvajr\\_rede\\_antes\\_das\\_redes.pdf](http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2004_silvajr_rede_antes_das_redes.pdf)

THORBURN, D. (1998). Web of Paradox. Democracy and Digital Media Conference, MIT, May 8-9.

<http://web.mit.edu/m-i-t/articles/thorburn.html>

TREMAYNE, M. (2004). The Web of Context: Applying Network Theory to the Use of Hyperlinks in Journalism Stories on the Web. In: Journalism and Mass Communication Quarterly, 81(2).

[http://communication.utexas.edu/news/research\\_txt/web\\_of\\_context.pdf](http://communication.utexas.edu/news/research_txt/web_of_context.pdf)